

LEIGH BARDUGO

SOMBRA E OSSOS

minotauro

Trilogia Grisha
Vol. 1

Tradução
Eric Novello

 Planeta

minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leigh Bardugo, 2012

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021

Todos os direitos reservados.

Título original: *Shadow and Bone*

Revisão: Opus Editorial e Audrya de Oliveira

Diagramação: Marcela Badolatto

Mapa: Keith Thompson, 2012

Capa: adaptada do projeto original de Natalie C. Sousa e Ellen Duda

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bardugo, Leigh

Sombra e ossos / Leigh Bardugo; tradução de Eric Novello. – São Paulo :
Planeta, 2021.

288 p. (Trilogia Grisha ; vol. 1)

ISBN 978-65-5535-279-5

Título original: *Shadow and bone*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Novello, Eric

21-0053

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



★ DIERHOLM

ПÃO MAR

ПОВОКРІБІРСЬК

КРІБІРСЬК

ОС КЕРВО

MAR
REAL

ilustração do mapa por Keith Thompson

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

FIERDA



PERMAFROST

CHERPAST



TSIBEYA

PETRAZOI



RYEVOST

RAVKA



BALAKIREV

vy



★ OS ALTA

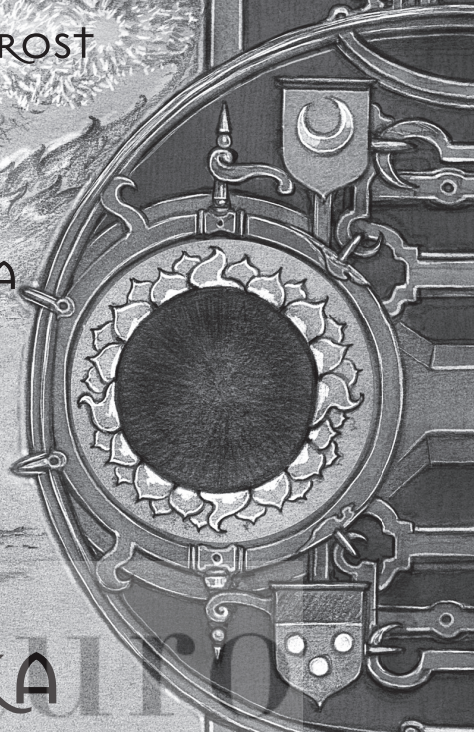


POLIZPAYA

SIKURZOI

SHU HAN

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA





OS GRISHAS

Soldados do Segundo Exército
Mestres da Pequena Ciência

CORPORALKI
(a ordem dos vivos e dos mortos)

Sangradores

Curandeiros

ETHEREALKI
(a ordem dos conjuradores)

Aeros

Infernais

Hidros

MATERIALKI
(a ordem dos fabricantes)

Durastes

Alquimistas



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



ANTES



S CRIADOS OS CHAMAVAM de *malenchki*, fantasmazinhas, porque eles eram os menores e mais jovens, e porque assombravam a casa do Duque como fantasmas risonhos, entrando e saindo dos quartos, escondendo-se em armários para espiar, esgueirando-se pela cozinha para roubar o último dos pêssegos do verão.

O menino e a menina tinham chegado com um intervalo de semanas entre um e outro, mais dois órfãos das guerras na fronteira, refugiados de cara suja, arrancados dos escombros de cidades distantes e trazidos para a propriedade do Duque para aprender a ler e escrever, e para aprender uma profissão. O menino era baixinho e atarracado. Tímido, mas sempre sorridente. A menina era diferente e sabia disso.

Encolhida no armário da cozinha, ouvindo os adultos fofocarem, ela ouviu Ana Kuya, a governanta do Duque, dizer:

— Ela é uma coisinha feiosa. Nenhuma criança deveria ter aquela aparência. Pálida e azeda como um copo de leite que fermentou.

— E tão magra! — a cozinheira respondeu. — Nunca termina de jantar.

Agachado ao lado da menina, o menino se virou para ela e sussurrou:

— Por que você não come?

— Porque tudo o que ela faz tem gosto de lama.

— Eu acho gostoso.

— Você comeria qualquer coisa.

Eles curvaram a cabeça, encostando de novo a orelha na fresta das portas do armário. Um momento depois, o menino sussurrou:

— Eu não acho você feia.

— Shhh! — a menina chiou. Mas oculta pelas sombras densas do armário, ela sorriu.

NO VERÃO, eles aguentaram longas horas de tarefas seguidas de horas ainda mais longas de aulas em salas sufocantes. Quando o calor atingia seu pior nível, eles escapavam para as florestas para caçar ninhos de passarinhos ou nadar no riacho lamacento, ou se deitavam por horas no prado, vendo o sol passar vagaroso sobre suas cabeças, especulando onde construiriam suas fazendas leiteiras e se teriam duas ou três vacas brancas. No inverno, o Duque partiu para sua casa na cidade, em Os Alta. Conforme os dias ficaram mais curtos e mais frios, os professores foram se tornando negligentes com suas obrigações, preferindo sentar perto do fogo para jogar cartas e beber *kvas*. Entediadas e presas do lado de dentro, as crianças mais velhas distribuíam pancadas com mais frequência. Então o menino e a menina se escondiam nos quartos abandonados da propriedade, atuando para os ratos e tentando se manter aquecidos.

No dia em que os Examinadores Grishas vieram, o menino e a menina estavam empoleirados no batente da janela de um quarto empoeirado no andar de cima, na esperança de ver a carruagem de correspondências. Em vez disso, viram um trenó, uma troica puxada por três cavalos negros, entrar na propriedade passando pelos portões de pedra branca. Eles acompanharam seu progresso silencioso pela neve até a porta da frente da casa do Duque.

Três silhuetas surgiram vestindo chapéus de pele elegantes e *keftas* de lã pesados: um carmesim, um azul bem escuro e o outro roxo vibrante.

— Grishas! — a menina sussurrou.

— Rápido! — disse o menino.

Em um instante, eles tiraram os sapatos e dispararam silenciosamente pelo corredor, deslizando pela sala de música vazia e se lançando atrás de uma coluna na galeria que dava para a sala de estar onde Ana Kuya gostava de receber as visitas.

Ana Kuya já estava lá, parecendo um passarinho em seu vestido preto, servindo chá do samovar, seu chaveiro enorme tilintando na cintura.

— Então este ano só há esses dois? — uma mulher disse em voz baixa.

Eles olharam através da grade da varanda para a sala no andar de baixo. Dois dos Grishas se sentavam perto da lareira: um belo homem de azul e uma mulher de roupa vermelha, com um ar altivo e refinado.



O terceiro Grisha, um jovem loiro, caminhava lentamente pelo cômodo, esticando as pernas.

— Sim — confirmou Ana Kuya. — Um menino e uma menina, os mais jovens aqui já faz um tempo. Imaginamos que ambos tenham perto de oito anos.

— Imaginam? — perguntou o homem de azul.

— Quando os pais estão mortos...

— Nós entendemos — disse a mulher. — Somos, é claro, grandes admiradores da sua instituição. Só gostaríamos que mais nobres prestassem atenção às pessoas comuns.

— Nosso Duque é um grande homem — disse Ana Kuya.

No alto da varanda, o menino e a menina assentiram discretamente um para o outro. Seu benfeitor, o Duque Keramsov, era um grande herói de guerra e um amigo do povo. Ao voltar do front de batalha, transformara sua propriedade em um orfanato e uma casa para viúvas de guerra. Eles eram orientados a rezar por ele todas as noites.

— E como elas são, essas crianças? — perguntou a mulher.

— A menina tem algum talento para desenhar. O menino é mais para tarefas domésticas, no pasto e com madeira.

— Mas como elas *são*? — repetiu a mulher.

Ana Kuya enrugou os lábios murchos.

— Como elas são? São desobedientes, do contra, ligadas demais uma à outra. Elas...

— Estão ouvindo cada palavra do que dizemos — disse o jovem de roxo.

O menino e a menina pularam, surpresos. Ele estava olhando diretamente para o esconderijo deles. Eles se encolheram atrás da coluna, mas era tarde demais.

A voz de Ana Kuya estalou como um chicote.

— Alina Starkov! Malyen Oretsev! Desçam aqui de uma vez!

Relutantes, Alina e Maly desceram pela estreita escada em espiral no fim da galeria. Quando chegaram ao pé da escada, a mulher de vermelho se levantou e indicou com um gesto que se aproximassem.

— Vocês sabem quem nós somos? — ela perguntou. Seu cabelo era cinza metálico. Seu rosto enrugado, mas bonito.

— Vocês são bruxos! — Maly deixou escapar.

— Bruxos? — ela resmungou e se virou para Ana Kuya. — É isso que vocês ensinam nesta escola? Superstições e mentiras?

Ana Kuya enrubesceu de vergonha. A mulher de vermelho se virou para Maly e Alina, seus olhos escuros luzindo.

— Não somos bruxos. Somos praticantes da Pequena Ciência. Mantemos este país e este reino em segurança.

— Assim como o Primeiro Exército — disse calmamente Ana Kuya, um tom inequívoco de rispidez em sua voz.

A mulher de vermelho enrijeceu, mas, após um momento, respondeu:

— Assim como o Exército do Rei.

O jovem de roxo sorriu e se ajoelhou diante das crianças. Ele disse gentilmente: — Quando as folhas mudam de cor, vocês chamam isso de mágica? E quando você corta a mão e ela se cura? E quando você coloca uma caçamba de água no fogo e ela ferve, isso é mágica também?

Maly balançou a cabeça, os olhos arregalados.

Mas Alina franziu a testa:

— Qualquer um pode ferver água.

Ana Kuya suspirou, exasperada, mas a mulher de vermelho riu.

— Você tem toda razão. Qualquer pessoa pode ferver água. Mas nem todo mundo pode dominar a Pequena Ciência. É por isso que viemos testá-los. — Ela se virou para Ana Kuya. — Deixe-nos agora.

— Espere! — gritou Maly. — O que acontece se formos Grishas? O que acontece conosco?

A mulher de vermelho os olhou de cima a baixo.

— Se, por uma pequena chance, *um* de vocês for Grisha, então essa criança sortuda irá para uma escola especial onde os Grishas aprendem a usar seus talentos.

— Vocês terão as melhores roupas, os mais refinados alimentos, o que o coração de vocês desejar — disse o homem de roxo. — Vocês gostariam disso?

— Esse é o modo mais nobre de servir ao seu Rei — disse Ana Kuya, ainda pairando pela porta.

— Uma total verdade — concordou a mulher de vermelho, satisfeita e querendo selar a paz.

O menino e a menina olharam um para o outro. Como os adultos não estavam prestando muita atenção, não viram a menina apertar a



mão do menino nem o olhar trocado entre eles. O Duque teria reconhecido aquele olhar. Ele havia passado longos anos nas fronteiras devastadas do norte, onde as aldeias estavam constantemente sob cerco e os camponeses lutavam em suas batalhas com pouca ajuda do Rei ou de qualquer outra pessoa. Ele tinha visto uma mulher, descalça e inabalável em sua porta, encarar uma fileira de baionetas. Ele conhecia o olhar de um homem defendendo o seu lar apenas com uma pedra nas mãos.

minotauro





Capítulo 1



PARADA À BEIRA de uma estrada movimentada, olhei para baixo, na direção dos campos extensos e fazendas abandonadas do Vale de Tula, e tive meu primeiro vislumbre da Dobra das Sombras. Meu regimento estava a duas semanas de marcha do acampamento militar em Poliznaya e o sol do outono pairava quente sobre nossas cabeças, mas eu tremia no meu casaco enquanto olhava para o nevoeiro que se estendia como uma mancha suja no horizonte.

Um ombro pesado me golpeou pelas costas. Eu cambaleei e quase caí de cara na estrada lamacenta.

— Ei! — gritou o soldado. — Preste atenção!

— Por que não presta atenção nos seus pés gorduchos? — rebati e tive alguma satisfação com a surpresa que sua cara redonda demonstrou. Pessoas, particularmente homens grandes carregando rifles, não esperam discutir com uma coisinha esquelética como eu. Elas sempre parecem meio desorientadas quando isso acontece.

O soldado superou a novidade com rapidez e me deu uma olhada carrancuda enquanto ajustava a mochila nas costas. Depois, desapareceu no fluxo da caravana de cavalos, homens, carros e vagões sobre a crista da colina e rumo ao vale abaixo.

Apertei o passo, tentando acompanhar a multidão. Tinha perdido de vista havia horas a bandeira amarela do carro dos inspetores e sabia que estava muito para trás.

Enquanto caminhava, respirei os aromas verdes e dourados de madeira do outono, a brisa suave às minhas costas. Nós estávamos no Vy, a estrada extensa que antigamente ia de Os Alta até as ricas cidades portuárias na costa oeste de Ravka. Mas isso foi antes da Dobra das Sombras.

Em algum lugar da multidão, alguém estava cantando. *Cantando? Que idiota cantaria em seu caminho para a Dobra?* Olhei de novo para a

mancha no horizonte e tive que reprimir um arrepio. Eu já tinha visto a Dobra das Sombras em muitos mapas, um corte negro que separara Ravka de sua única área costeira e a deixara isolada do mar. Às vezes, ela era mostrada como uma mancha; outras, como uma nuvem sombria e disforme. E também havia os mapas que mostravam a Dobra das Sombras apenas como um lago comprido e estreito e o chamavam por seu outro nome, “o Não Mar”, um nome com o objetivo de tranquilizar soldados e comerciantes e de encorajar travessias.

Eu bufei. Aquilo poderia enganar algum mercador barrigudo, mas não me confortava nem um pouco.

Parei de dar atenção à névoa sinistra pairando ao longe e olhei para as fazendas arruinadas de Tula. O vale já tinha sido o lar de algumas das propriedades mais ricas de Ravka. No passado, um lugar onde os fazendeiros cuidavam de plantações, e ovelhas pastavam nos campos verdejantes. Mais tarde, um talho escuro aparecera na paisagem, uma faixa de escuridão quase impenetrável que crescera com o passar dos anos e se enchera de horrores. Onde os fazendeiros, seus rebanhos, suas plantações, seus lares e famílias tinham ido parar, ninguém sabia.

Pare com isso, disse para mim mesma. Você só está piorando as coisas. Pessoas têm cruzado a Dobra há anos... Geralmente com baixas em massa, mas mesmo assim. Respirei profundamente para me acalmar.

— Nada de desmaiar no meio da estrada — disse uma voz próxima ao meu ouvido, enquanto um braço pesado pousava sobre meus ombros e me dava um apertão. Eu olhei para cima para ver o rosto familiar de Maly, um sorriso em seus olhos azuis brilhantes, enquanto ele passava a andar ao meu lado. — Vamos lá — disse ele. — Um pé depois do outro. Você sabe como é.

— Você está interferindo no meu plano.

— Ah é?

— Sim. Desmaiar, ser atropelada e ficar com machucados graves por todo o corpo.

— Parece um plano brilhante.

— Ah, mas se eu ficar terrivelmente desfigurada, não serei capaz de atravessar a Dobra.

Maly assentiu devagar.



— Entendi. Eu posso empurrá-la embaixo de uma carroça, se for ajudar.

— Vou pensar no assunto — resmunguei, mas senti o meu humor melhorar. Apesar dos meus melhores esforços, Maly ainda tinha aquele efeito sobre mim. E eu não era a única. Uma menina loira e bonita passou pela gente e acenou, lançando um olhar de flerte por cima do ombro para Maly.

— E aí, Ruby — ele chamou. — Vejo você mais tarde?

Ruby deu uma risadinha e correu para o meio da multidão. Maly abriu um largo sorriso até me perceber revirando os olhos.

— O que foi? Achei que você gostasse da Ruby.

— Na verdade, não temos muito sobre o que conversar — respondi secamente. Eu realmente gostava de Ruby... No início. Quando Maly e eu deixamos o orfanato em Keramzin para treinar no serviço militar, na Poliznaya, eu estava nervosa quanto a conhecer novas pessoas. Mas muitas meninas tinham se mostrado animadas para se tornar minhas amigas, e Ruby estava entre as mais ansiosas.

Essas amizades duraram até eu perceber que o único interesse delas em mim era a minha proximidade com Maly.

Agora eu o via alongar os braços de modo expansivo e virar o rosto para o céu de outono, parecendo perfeitamente feliz. Tinha dado até um pequeno salto ao andar, notei com certo desgosto.

— O que há de errado com você? — sussurrei furiosamente.

— Nada — disse ele, surpreso. — Eu me sinto ótimo.

— Mas como você pode ser tão... confiante?

— Confiante? Eu nunca fui confiante. E espero nunca ser.

— Bem, então o que significa tudo isso? — perguntei, balançando a mão para ele. — Parece que você está indo para um jantar muito bom em vez de uma possível morte e desmembramento.

Maly riu.

— Você se preocupa demais. O Rei enviou um grupo inteiro de Grishas pirotécnicos para proteger os esquifes e até alguns daqueles Sangradores assustadores. Nós temos os nossos rifles — disse ele, batendo naquele em suas costas. — Ficaremos bem.

— Um rifle não fará muita diferença se houver um ataque mais pesado.

Maly me olhou de um jeito preocupado.

— O que está acontecendo com você? Está mais mal-humorada do que de costume. E sua aparência está péssima.

— Obrigada — eu me queixei. — Não tenho dormido muito bem.

— E qual é a novidade?

Ele estava certo, é claro. Eu nunca tinha dormido bem. Mas a situação tinha ficado ainda pior nos últimos dias. Os Santos sabiam que eu tinha um monte de boas razões para temer a ida à Dobra, razões que eu compartilhava com cada membro de nosso regimento azarado o suficiente para ser escolhido para a travessia. Mas havia algo mais, um sentimento profundo de mal-estar que eu não saberia nomear.

Eu olhei para Maly. Houve uma época em que poderia contar tudo a ele.

— Eu só... estou com um pressentimento.

— Pare de se preocupar tanto. Talvez eles coloquem o Mikhael no esquife. O volcra dará uma olhada naquela barriga grande e suculenta dele e nos deixará em paz.

Uma lembrança me veio de modo espontâneo: Maly e eu sentados lado a lado em uma cadeira na biblioteca do Duque, folheando as páginas de um livro grande com capa de couro. Nós topamos com uma ilustração de um volcra: garras enormes e imundas, asas coriáceas e fileiras de dentes afiados para se banquetear em carne humana. Eles eram cegos devido a gerações vivendo e caçando na Dobra, mas a lenda dizia que podiam sentir o cheiro de sangue humano a quilômetros de distância. Eu havia apontado para a página e perguntado: “O que ele está segurando?”.

Eu ainda podia ouvir Maly sussurrar no meu ouvido. “Eu acho... acho que é um pé.” Nós fechamos o livro com uma batida e corremos gritando para o lado ele fora, na segurança da luz do sol.

Sem perceber, eu tinha parado de andar e congelado no lugar, incapaz de sacudir a lembrança da minha mente. Quando Maly percebeu que eu não estava com ele, deu um grande suspiro de enfado e marchou de volta até mim. Ele repousou as mãos nos meus ombros e me sacudiu de leve.

— Eu estava brincando. Ninguém vai comer o Mikhael.

— Eu sei — eu disse, olhando para os meus pés. — Você é hilário.

— Alina, sai dessa, nós vamos ficar bem.



— Você não tem como saber disso.

— Olhe para mim. — Eu me obriguei a erguer os olhos na direção dos dele. — Eu sei que você está assustada. Também estou. Mas nós vamos fazer isso e vamos ficar bem. Sempre ficamos. Certo? — Ele sorriu e meu coração bateu muito alto no meu peito.

Esfreguei meu polegar sobre a cicatriz que corria pela palma da minha mão direita e dei um suspiro inseguro.

— Certo — disse a contragosto e até me peguei sorrindo de volta.

— O espírito da senhorita foi restaurado! — Maly gritou. — O sol pode brilhar outra vez!

— Afe, você vai calar a boca?

Eu me virei para dar um soco nele, mas antes que conseguisse, ele me agarrou e me ergueu. Um estrépito de cascos e gritos cortou o ar. Maly me puxou para a lateral da estrada, no mesmo instante em que uma enorme carruagem negra passou rangendo, dispersando as pessoas diante dela, que corriam para desviar dos cascos de quatro cavalos negros. Ao lado do condutor que empunhava o chicote, estavam dois soldados de casacos cinzentos.

O Darkling. Não havia como confundir sua carruagem negra nem o uniforme de sua guarda pessoal.

Outra carruagem, essa laqueada de vermelho, passou retumbante por nós, em um ritmo mais lento.

Eu olhei para Maly, meu coração acelerado por causa do quase acidente.

— Obrigada — sussurrei. Maly pareceu perceber de repente que seus braços estavam ao meu redor. Ele me soltou e, rapidamente, deu um passo para trás. Eu limpei o pó do meu casaco, na esperança de que ele não notasse que minhas bochechas estavam vermelhas.

Uma terceira carruagem passou por nós, laqueada de azul, e uma menina se inclinou pela janela. Seus cabelos eram negros e cacheados, e ela vestia um chapéu de raposa cinzenta. Ela analisou a multidão que a olhava e, de modo previsível, deteve-se em Maly.

Você estava sonhando acordada com ele agora pouco, me repreendi. Por que uma Grisha maravilhosa dessas não faria o mesmo?

Os lábios dela se curvaram em um pequeno sorriso quando encontrou os olhos de Maly. Ela continuou a observá-lo por sobre os ombros

até a carruagem sumir de vista. Maly arregalou os olhos com uma cara idiota por causa dela, sua boca ligeiramente aberta.

— Feche a boca antes que algo entre voando — disparei.

Maly piscou, ainda embasbacado.

— Você viu aquilo? — ouvi uma voz gritando. Eu me virei e avistei Mikhael trotando em nossa direção, uma expressão quase cômica de reverência. Mikhael era um ruivo enorme, com um rosto largo e um pescoço mais largo ainda. Atrás dele, Dubrov, um magrelo de cabelos escuros, corria para nos alcançar. Ambos eram rastreadores na unidade de Maly e nunca se distanciavam dele.

— Claro que vi — disse Maly, sua expressão entorpecida evaporando em um sorriso arrogante. Eu revirei os olhos.

— Ela olhou diretamente para você! — Mikhael gritou, dando um tapinha nas costas de Maly.

Maly sacudiu os ombros, incerto, mas seu sorriso aumentou.

— Sim, ela olhou — disse ele presunçoso.

Dubrov se remexeu nervosamente.

— Eles dizem que meninas Grisha podem enfeitiçar você. — Eu bufei.

Mikhael olhou para mim como se nem tivesse notado a minha presença.

— E aí, Graveto — ele falou e me deu um soco fraquinho no braço. Eu fiz uma careta ao ouvir o apelido, mas ele já tinha se virado de volta para Maly. — Você sabe que ela vai ficar no acampamento — disse ele, com um olhar malicioso.

— Ouvi dizer que a tenda dos Grishas é grande como uma catedral — Dubrov completou.

— Com um monte de cantinhos escuros — disse Mikhael, mexendo as sobrancelhas para valer.

Maly gritou em comemoração. Sem me olhar uma segunda vez, os três se afastaram rapidamente, gritando e empurrando uns aos outros.

— Foi bom ver vocês, rapazes — murmurei sob a respiração. Reajuste a alça da mochila pendurada em meus ombros e voltei a descer a trilha, juntando-me aos últimos retardatários na colina e em Kribirsk. Não fiz questão de correr. Provavelmente me dariam uma bronca quando enfim chegasse à Tenda dos Documentos, mas eu não podia fazer nada a respeito.



Esfreguei o braço onde Mikhael tinha me acertado um soco. *Graveto*. Eu odiava aquele nome. *Você não me chama de Graveto quando está bêbado de kvas, tentando colocar suas patas em mim na fogueira da primavera, seu imbecil miserável*, pensei de modo rancoroso.

Não havia muito para se olhar em Kribirsk. De acordo com o Cartógrafo Sênior, o local tinha sido uma cidade comercial sossegada nos dias antes da Dobra das Sombras, pouco mais do que uma praça central empoeirada e uma pousada para viajantes cansados a caminho do Vy. Mas agora tinha se tornado uma espécie de cidade portuária desmantelada, crescendo em torno de um acampamento militar permanente e das docas secas onde os esquifes terrestres esperavam para levar os passageiros através da escuridão até Ravka Oeste. Eu passei por tavernas, por pubs e pelo que, eu tinha razoável certeza, eram bordéis destinados a atender às tropas do Exército do Rei. Havia lojas vendendo rifles e bestas, lamparinas e tochas e todo tipo de equipamento necessário para uma viagem pela Dobra. A pequena igreja com paredes caiadas e cúpulas reluzentes e em forma de cebola estava surpreendentemente bem cuidada. *Ou talvez não fosse uma grande surpresa*, considerei. Qualquer um que pretendesse viajar pela Dobra das Sombras seria esperto de parar e rezar.

Fui até o local onde os inspetores estavam alojados, deposei a minha mochila em uma cama de lona e corri até a Tenda dos Documentos. Para meu alívio, o Cartógrafo Sênior não estava em nenhum lugar à vista, e eu consegui deslizar para dentro sem ser notada.

Ao entrar na tenda de lona branca, me senti relaxar pela primeira vez desde que avistara a Dobra. A Tenda dos Documentos era essencialmente a mesma em cada campo que eu tinha visto, cheia de luz brilhante e fileiras de mesas de desenhos nas quais os artistas e inspetores se debruçavam sobre seus trabalhos. Após o barulho e o empurra-empurra da viagem, havia algo de tranquilizador nos estalidos do papel, no cheiro da tinta e no arranhar macio dos bicos de pena e pincéis.

Tirei meu caderno de desenho do bolso do casaco e deslizei para uma bancada de trabalho ao lado de Alexei, que se virou para mim e sussurrou irritado:

— Onde você esteve?



— Quase sendo atropelada pela carruagem do Darkling — respondi, pegando uma folha de papel em branco e folheando meus rascunhos para tentar encontrar um adequado para copiar. Alexei e eu éramos assistentes juniores de cartógrafo e, como parte de nosso treinamento, tínhamos que enviar dois croquis terminados ou duas reproduções ao final de cada dia.

Alexei puxou o ar num susto.

— Sério? Você o viu de verdade?

— Na *verdade*, eu estava ocupada demais tentando não morrer.

— Existem maneiras piores de partir. — A atenção dele se voltou para o desenho de um vale rochoso que eu estava prestes a começar a copiar. — Ugh. Esse não. — Ele folheou o meu caderno, parou em uma elevação de uma serra e a apontou com o dedo. — Este aqui.

Eu mal tive tempo de colocar a caneta no papel antes de o Cartógrafo Sênior entrar na tenda e descer pelo corredor, espiando o nosso trabalho enquanto passava.

— Espero que esse seja o segundo desenho que você está começando, Alina Starkov.

— É sim — menti. — Sem dúvida.

Assim que o Cartógrafo passou, Alexei sussurrou:

— Me conte sobre a carruagem.

— Eu tenho que terminar os meus desenhos.

— Aqui — disse ele, exaltado, deslizando um de seus desenhos para mim.

— Ele vai saber que o trabalho é seu.

— Não é tão bom. Você deve conseguir passá-lo como um dos seus.

— Agora sim. Esse é o Alexei que eu conheço e aguento — resmunguei, mas não devolvi o desenho. Alexei era um dos assistentes mais talentosos e sabia disso.

Ele extraiu cada mínimo detalhe de mim sobre as três carruagens Grishas. Eu estava agradecida pelo desenho, então fiz o meu melhor para satisfazer a curiosidade dele enquanto terminava minha elevação da serra e trabalhava em medidas de polegar de alguns dos picos mais altos.

Quando terminamos, a noite estava caindo. Nós entregamos nosso trabalho e caminhamos até a tenda da bagunça, onde ficamos na fila



para pegar um guisado amarronzado distribuído por um cozinheiro suado. Depois, nos sentamos junto de alguns dos outros inspetores.

Eu passei a refeição em silêncio, ouvindo Alexei e os outros trocarem fofoca de acampamento e conversarem ansiosos sobre a travessia do dia seguinte. Alexei insistiu para eu recontar a história das carruagens Grishas, o que gerou a mistura usual de fascínio e medo que acompanhava qualquer menção ao Darkling.

— Ele não é humano — disse Eva, outra assistente. Ela tinha belos olhos verdes que pouco ajudavam a desviar a atenção de seu nariz de porco. — Nenhum deles é.

Alexei fungou. — Por favor, nos poupe de sua superstição, Eva.

— Foi um Darkling que fez a Dobra das Sombras, para começo de conversa.

— Isso foi há centenas de anos! — Alexei protestou. — E aquele Darkling era completamente louco.

— E esse é tão ruim quanto.

— Camponesa — disse Alexei e acenou fazendo pouco caso. Eva o olhou ofendida e se virou de costas em acinte para falar com os amigos dela.

Eu permaneci quieta. Eu era mais camponesa do que Eva, apesar de suas superstições. Só podia ler e escrever graças à caridade do Duque, mas, por um acordo silencioso, Maly e eu evitávamos mencionar o Keramzin.

Como se esperasse a deixa, uma explosão de risadas roucas me arrancou de meus pensamentos. Eu olhei por sobre o ombro. Maly estava comandando um tribunal em uma mesa agitada de rastreadores.

Alexei seguiu o meu olhar.

— Como vocês se tornaram amigos, aliás?

— Nós crescemos juntos.

— Vocês não parecem ter muito em comum.

Eu dei de ombros.

— Acho que é fácil ter muito em comum com alguém quando se é criança. — Como solidão, as lembranças dos parentes que deveríamos esquecer, e o prazer de fugir das tarefas para brincar de pique em nosso campo.

Alexei me encarou com tanto ceticismo que eu tive que rir.

— Ele nem sempre foi o Incrível Maly, rastreador especialista e sedutor de meninas Grishas.

Alexei ficou boquiaberto.

— Ele seduziu uma garota Grisha?

— Ainda não, mas tenho certeza de que irá — balbuciei.

— Então, como ele era?

— Ele era baixinho e atarracado e tinha medo de banho — eu disse com alguma satisfação.

Alexei olhou para Maly.

— Pelo visto, as coisas mudam.

Eu esfreguei meu polegar na cicatriz em minha palma.

— Acho que sim.

Nós limpamos nossos pratos e saímos da tenda da bagunça para a noite fria. No caminho de volta para o quartel, tomamos um desvio para poder passear pelo acampamento Grisha. O pavilhão Grisha realmente tinha o tamanho de uma catedral, coberto de seda negra, com seus estandartes azuis, vermelhos e roxos voando lá no alto. Escondidas em algum lugar atrás dele ficavam as tendas do Darkling, protegidas pelos Corporalki Sangradores e pela guarda pessoal dele.

Quando Alexei se deu por satisfeito, nós tomamos o caminho de volta para nosso alojamento. Ele ficou calado e começou a estalar os dedos, e eu sabia que ambos pensávamos sobre a travessia da manhã seguinte. A julgar pelo clima sombrio no quartel, não estávamos sós. Algumas pessoas já estavam em suas camas, dormindo – ou tentando dormir – enquanto outras se amontoavam perto das lamparinas, conversando baixo. Algumas se sentaram segurando seus ídolos, rezando para seus Santos.

Eu estendi o meu saco de dormir em uma cama estreita, tirei as botas e pendurei o casaco. Então, me revirei embaixo das cobertas forradas com pele e olhei para o teto, esperando o sono. Fiquei daquela maneira por um longo tempo, até as luzes de todas as lamparinas terem se extinguido e os sons de conversas terem dado lugar a roncos suaves e ao ruído dos corpos.

De manhã, se tudo saísse conforme planejado, passaríamos com segurança por Ravka Oeste, e eu teria meu primeiro vislumbre do Mar Real. Lá, Maly e os outros rastreadores iriam caçar lobos vermelhos,



raposas marinhas e outras criaturas cobiçadas que só podiam ser achadas a oeste. Eu permaneceria com os cartógrafos em Os Kervo para terminar meu treinamento e ajudar a desenhar qualquer informação que conseguíssemos juntar na Dobra. E, então, é claro, teria que cruzar a Dobra novamente para voltar para casa, mas era difícil pensar sobre algo tão lá na frente.

Eu ainda estava completamente desperta quando o ouvi. *Tap, tap*. Pausa. *Tap*. Então de novo: *Tap, tap*. Pausa. *Tap*.

— O que está havendo? — Alexei murmurou sonolento da cama mais próxima à minha.

— Nada — sussurrei, já saindo do meu saco de dormir e enfiando os pés nas botas.

Peguei meu casaco e me arrastei para fora do quartel tão silenciosamente quanto pude. Enquanto abria a porta, ouvi uma risadinha, e uma voz feminina falou de algum lugar do quarto escuro:

— Se for aquele rastreador, diga a ele para entrar e me aquecer.

— Se ele quiser pegar *tsifil*, tenho certeza de que você será sua primeira parada — respondi docemente e escapei para a noite.

O ar frio pinicou minhas bochechas e enterrei meu queixo na gola, desejando ter tido tempo de pegar meu lenço e minhas luvas. Maly estava sentado nos degraus frágeis, de costas para mim. Atrás dele, eu podia ver Mikhael e Dubrov passando uma garrafa de um lado para outro, sob as luzes brilhantes da trilha.

Eu fechei a cara.

— Por favor, não me diga que você só me acordou para avisar que irá à tenda Grisha. O que você quer, um conselho?

— Você não estava dormindo. Estava deitada olhando o teto, se preocupando.

— Errado. Eu estava planejando como me esgueirar para dentro do pavilhão Grisha e conseguir um lindo Corporalnik para mim.

Maly riu. Eu hesitei na porta. Essa era a parte mais difícil de estar perto dele, sem contar o modo como ele fazia o meu coração dar piruetas desajeitadas. Eu odiava esconder quanto as coisas estúpidas que ele fazia me magoavam, mas odiava ainda mais a ideia de que ele descobrisse. Pensei em simplesmente me virar e voltar para dentro. Em vez disso, engoli meu ciúme e me sentei ao lado dele.

— Espero que tenha me trazido algo legal — eu disse. — Os Segredos de Sedução da Alina não saem barato.

Ele sorriu.

— Pode botar na minha conta?

— Suponho que sim.

— Mas só porque eu sei que você é boa nisso.

Eu espiei na escuridão e vi Dubrov tomar um gole da garrafa e então guinar para a frente. Mikhael esticou os braços para firmá-lo, e os sons de sua risada flutuaram até nós no ar noturno.

Maly balançou a cabeça e riu.

— Ele sempre tenta acompanhar Mikhael. Provavelmente terminará vomitando nas minhas botas.

— Bem feito — disse eu. — Então, o que você está fazendo aqui? — Quando começamos nosso serviço militar um ano atrás, Maly me visitava quase toda noite. Mas ele não aparecia havia meses.

Ele deu de ombros.

— Não sei. Você parecia tão infeliz no jantar.

Eu fiquei surpresa de ele ter notado.

— Apenas pensando sobre a travessia — disse com cuidado. Não era exatamente uma mentira. Eu estava apavorada de entrar na Dobra, e Maly definitivamente não precisava saber que Alexei e eu tínhamos falado sobre ele. — Mas me sinto tocada pela sua preocupação.

— Ei — ele disse com um sorriso largo —, eu me preocupo.

— Se você tiver sorte, um volcra me comerá amanhã no café e você não terá mais que se lamuriar.

— Você sabe que eu ficaria perdido sem você.

— Você nunca esteve perdido em sua vida — zombei. Eu era a cartógrafa, mas Maly podia encontrar o norte verdadeiro de olhos vendados e plantando bananeira.

Ele bateu o ombro dele contra o meu.

— Você sabe o que quero dizer.

— Sim — eu disse. Mas não sabia. Não de verdade.

Nós nos sentamos em silêncio, vendo nossa respiração fazer vapor no ar frio.

Maly estudou suas botas e disse:

— Acho que estou nervoso também.



Eu o cutuquei com o cotovelo e disse com uma confiança que não sentia:

— Se pudemos encarar Ana Kuya, podemos lidar com alguns volcras.

— Se eu me lembro bem, a última vez que cruzamos com Ana Kuya, você tomou uma bofetada nas orelhas e nós dois terminamos trabalhando nos estábulos.

Eu me retraí.

— Estou tentando ser reconfortante. Você podia pelo menos fingir que estou tendo sucesso.

— Sabe o que é engraçado? — ele perguntou. — Às vezes eu sinto falta dela, na verdade.

Eu fiz o meu melhor para esconder o assombro. Nós tínhamos passado mais de dez anos de nossas vidas em Keramzin, mas geralmente eu tinha a impressão de que Maly queria esquecer tudo sobre o lugar, talvez até mesmo a mim. Lá ele tinha sido outro refugiado, outro órfão feito para se sentir grato por cada bocado de comida, cada par de botas usado. No exército, ele tinha conquistado um verdadeiro lugar para si, onde ninguém precisava saber que um dia fora um garotinho indesejado.

— Eu também — admiti. — Poderíamos escrever para ela.

— Talvez — disse Maly.

De repente, ele esticou a mão e segurou a minha. Eu tentei ignorar o pequeno choque que passou por mim.

— A esta hora, amanhã, estaremos sentados no porto de Os Kervo, olhando para o oceano e bebendo *kvas*.

Olhei para Dubrov acenando para a frente e para trás e sorrindo.

— Dubrov está acreditando?

— Apenas você e eu — disse Maly.

— Sério?

— É sempre apenas você e eu, Alina.

Por um momento, aquilo pareceu verdade. O mundo era aquele degrau, aquele círculo de luz da lamparina, nós dois suspensos na escuridão.

— Venha! — Mikhael esbravejou da trilha. Maly se moveu de repente como um homem acordando de um sonho. Ele apertou minha mão uma última vez antes de soltá-la. — Tenho que ir — disse ele, o sorriso insolente retornando. — Tente dormir um pouco.



Ele pulou sutilmente dos degraus e correu para se juntar aos amigos.

— Deseje-me sorte! — gritou por sobre o ombro.

— Boa sorte — eu disse automaticamente, e então quis me chutar.

Boa sorte? Tenha um encontro adorável, Maly. Espero que você encontre uma linda Grisha, se apaixone profundamente por ela e que vocês façam um monte de bebês maravilhosos e entediadamente talentosos.

Continuei sentada nos degraus, congelada, vendo-os desaparecer pela trilha, ainda sentindo o calor da pressão da mão de Maly na minha. *Ai, ai*, pensei enquanto ficava de pé. *Talvez ele caia em uma vala no seu caminho até lá.*

Eu me esgueirei de volta para os alojamentos, fechei a porta com força atrás de mim e me aconcheguei grata no meu saco de dormir. Será que aquela garota Grisha de cabelo preto tinha saído do pavilhão para encontrar Maly? Afastei o pensamento. Aquilo não era da minha conta, e, na verdade, eu não queria saber. Maly nunca havia olhado para mim do jeito que olhara para aquela menina ou até do modo que olhava para Ruby, e nunca iria olhar. Mas o fato de ainda sermos amigos era mais importante do que tudo isso.

Mas, por quanto tempo?, disse uma voz incômoda na minha cabeça. Alexei estava certo: as coisas mudam. Maly tinha mudado para melhor. Ele tinha ficado mais bonito, corajoso e masculino. E eu tinha ficado... mais alta. Suspirei e rolei de lado. Queria acreditar que Maly e eu sempre seríamos amigos, mas tinha que encarar o fato de que estávamos em caminhos diferentes. Deitada na escuridão, esperando pelo sono, perguntei-me se esses caminhos apenas nos distanciariam cada vez mais, e se chegaria o dia em que seríamos estranhos um para o outro novamente.

